

CARTA À NAÇÃO – Distribuição Gratuita

ANGOLA NA ROTA DA INSTABILIDADE

Emílio LONDA (Estudante de Economia)

(E-mail: Emílio_londa@hotmail.com)

“In recent years, sub-Saharan Africa has been experiencing its strongest growth and lowest inflation in over 30 years. Growth in sub-Saharan Africa should reach 6 percent in 2007 and 6¾ percent in 2008 (...). As a result, investment has increased, economic growth has strengthened, and income volatility has fallen. Sustaining the current expansion and reducing poverty ultimately depend on each country’s ability to pursue structural and institutional reforms to increase productivity, boost resilience to shocks, and attract private investment.”
(in Executive Summary of Regional economic outlook : Sub-Saharan Africa, I M F - OCT 07)

Lisboa, 22 de Fevereiro de 08

Desde que alcançou a paz, em 2002, Angola tem atravessado um período de evidente crescimento económico¹ e relativa estabilidade macroeconómica, sustentadas por receitas provenientes do sector petrolífero. Segundo o Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado de Angola (OGE) para 2008, Angola cresceu 24.4% em 2007, menos que os 35.0% previstos², porém mais que os 18.6%³ do ano anterior.

Ao longo deste período de crescimento, o governo persistiu na incapacidade de transferir a prosperidade do sector petrolífero para o resto da economia. Consequentemente, não se conseguiu transformar os dividendos do crescimento económico em bem estar para as populações (desenvolvimento económico).

Não obstante a justeza dos Objectivos Gerais do Governo, o modelo de desenvolvimento seguido nestes anos assenta numa filosofia de acumulação desenfreada de capital que tem como principal suporte a exploração (também desenfreada) de poços petrolíferos na justa medida que são descobertos. A redistribuição da riqueza, tem sido deixada para o segundo plano, ou seja, tem se esperado que esta resulte naturalmente do processo de crescimento económico. Ignora-se completamente que os mecanismos da economia de mercado reproduzem as desigualdades. O conceito de “ desenvolvimento insustentável” não tem sido considerado na prática e é ainda para muitos uma utopia.

Este crescimento económico, ao se basear na indústria petrolífera, está fortemente dependente das condições da procura no mercado mundial. Durante os últimos anos a economia mundial manteve-se numa tendência de crescimento que, associado a crescente necessidade de petróleo nas economias emergentes, resultou no aumento significativo do preço do petróleo.

¹ Medido pelo Produto Interno Bruto (PIB) por Pessoa.

² Se Angola tivesse crescido a esta taxa, seria o país com o maior crescimento de 2007 a nível mundial.

³ Relatório Sobre Energia em Angola, 2007 (CEIC-UCAN).

No entanto, como resultado de uma crise que teve início em 2001, as grandes economias do mundo estão na beira de uma recessão que irá alterar as condições da procura mundial, atingindo Angola por via das receitas petrolíferas e por via das taxas de câmbio colocando assim, em teste a estabilidade económica do país.

Este artigo procura descrever as vias através das quais a crise económica mundial atingirá Angola, além de referir superficialmente o contexto político africano e mundial que caracteriza o ano de 2008. O ponto 4 vamos referir a algumas políticas de curto e de longo prazos que permitirão abrandar a “tempestade” e estabilizar o vou numa tendência de longo prazo sustentável.

O principal objectivo deste artigo é ajudar a esclarecer o fenómeno da crise, realçar a sua relevância, e apelar a fortes mudanças de políticas a nível do Governo, no sentido de minimizar os impactos negativos da conjuntura internacional na economia angolana.

1- Crise Política/Militar em África

A segunda metade da década de noventa e os primeiros anos de 2000 caracterizaram-se para o continente africano, e em particular para a África subsariana, por altos níveis de estabilidade militar e altas taxas médias de crescimento económico. Porém, nos últimos anos este continente rendeu-se a sua fragilidade e precipitou-se progressivamente para as convulsões sociais (ou mesmo guerras), ora de origem política ora de origem tribal.

Em menos de dez anos o **Zimbabwe**, país com uma economia fortemente agrícola, passou do estatuto de um dos países mais prósperos do continente para o estatuto de país “campeão” em inflação⁴ tendo mesmo chegado a apresentar taxas de crescimento negativas do PIB em alguns anos. Como resultado da instabilidade económica, a miséria tomou conta do dia-a-dia do zimbabueano. Perante este estado de coisas, a opressão

⁴ A taxa de inflação anual em 2006 no Zimbabwe foi de 400%.

surge como modo de governação no país do “homem dos sete cursos”, Joseph Mugabe.

Subindo um pouco no mapa de África, encontramos o **Sudão**. Governado por um regime que tem sido acusado de genocídio, tem a sua economia baseada no petróleo. Tal como Angola, viu as suas receitas petrolíferas crescerem de forma exponencial em resultado da subida do preço do crude. Possui uma outra semelhança com Angola, que é o facto de ter como principal parceiro económico a China.

Logo ao lado, fugindo do Índico em direcção ao centro do continente, encontramos um país cujo governo é apoiado pela França e cuja capital chama-se Djamena, **Chad**. O seu governo está em guerra contra um grupo de rebeldes que o acusa de estar a perpetuar o poder. Apoiados pelo Sudão, os rebeldes levaram a guerra para a capital do país.

Lá mais para o corno de África, abraçado pelo Índico, encontramos a mártir **Somália**. O seu nome é ainda para muitos, sinónimo de calamidade humanitária em resultado da prolongada seca que atravessou no princípio dos anos 90. Apoiado pela Etiópia, o seu governo enfrenta uma guerra sem fim anunciado contra rebeldes islâmicos. Em 2007, os dados da ONU indicavam que neste país existiam mais refugiados internos do que na terra de Saddam.

Continuando nas costas do Índico, encontramos um dos últimos desaires das “democracias” africanas, o **Kênia**. Embora pobre em recursos energéticos, este país era apontado como um exemplo de estabilidade em África. Fazendo uso desta fama e das ricas reservas naturais que possui, o Kênia conseguiu obter grandes receitas do sector turístico. Um outro aspecto importante é o facto de este país ter até então servido de base de apoio para as diversas organizações humanitárias que operam nos países vizinhos em conflito. Na sequência de um pleito eleitoral, de noite para o dia, estourou o conflito. Fraude

eleitoral, eis o diagnóstico da autópsia. Os defensores dos dois partidos maioritários envolveram-se numa guerra de catanadas pelas ruas deixando um saldo de centenas de mortos. Nem mesmo a pronta intervenção de alguns governos da OUA, ainda sob ressaca da cimeira Europa-África, conseguiu evitar o pior. Depois de várias tentativas, Kofi Annan, em busca de mérito no continente berço, conseguiu reunir as duas principais figuras do conflito no dia 24 de Janeiro.

Deixando a margem do Índico e passando para a margem Atlântica, encontramos a enigmático **República Democrática do Congo**. Este país é uma das maiores potências em recursos hídricos do mundo. É a peça chave do projecto WESTCOR (projecto que visa criar um sistema integrado de energia na África Austral) porque é neste país onde se encontram a gigante barragem do Inga. Notemos que um relatório sobre Energia em Angola da Agência Internacional de Energia refere que é deste projecto que está a depender a integração dos três principais sistemas eléctricos do país, nomeadamente, os sistemas norte, centro e sul.

Kabila, embora apoiado por alguns regimes no continente, não tem tido sucesso na pacificação deste país que caracteriza-se também por possuir o monopólio natural da extracção da substância usada para o fabrico dos *chippys* dos telemóveis (Quando dinheiro é gerado neste negócio?).

A enfrentar uma crise de outra natureza está Moçambique. No segundo ano consecutivo, o Zambeze “ficou zangado” (declarações de uma vítima das cheias em entrevista a SIC) e resolveu invadir as margens. Abandonado pelo continente velho (incluindo Portugal) Moçambique enfrenta uma crise humanitária de difícil resolução mesmo considerando algum apoio que tem recebido do Banco Mundial (BM)⁵.

⁵ O último dos quais recebido no corrente mês de Fevereiro.

Nos últimos anos, as maiores concentrações de países político/economicamente estáveis estão a Sul do continente, na região do Golfo da Guiné e a Norte de Sahara.

No entanto, já levantam-se algumas interrogações quanto ao futuro da África do Sul (e do ANC) após o mandato de Thabo Mbeki e possível sucessão de Jacob Zuma. Por outro lado, males como o AIDs e a criminalidade⁶ continuam a fazer sombra na estabilidade económica conseguida por aquele país.

Quanto a região do Golfo da Guiné, existe o inconveniente de muitas das suas economias padecerem da **Doença Holandesa** em resultado da excessiva dependência de recursos primários. O exemplo típico é a Nigéria.

2- Crise económica mundial

Poderá a famosa “crise do **subprime**”, ocorrida no distante mercado monetário norte-americano, fazer vítimas como a “inocente” Angola? O país responsável por 25% do PIB mundial está em crise. Como esta crise afectará Angola, um país com níveis económicos dos Estados Unidos da América (EUA) da primeira metade de 1800? Antes de responder a esta questão façamos uma breve descrição da presente crise económica mundial.

“Quando o EUA espirra, o mundo constipa-se”. “O bater de asas de uma borboleta nos EUA pode provocar um tremor de terra no outro lado do mundo”. Estas são algumas das analogias usadas para realçar a importância de uma economia que equivale a soma das economias do Japão, da França e da Alemanha. A mais recente analogia usa a imagem de um comboio “puxado” por vários motores sendo o maior dos quais

⁶ A média anual de assassinatos na África do Sul atinge as 28 mil pessoas.

os EUA (Sam Stovall). Sam pergunta o que acontece se o maior motor do comboio avariar. Poderá prosseguir com os outros motores? Se sim, por que distância?

Tudo "teve início" em 2001 ainda antes do ataque terroristas às torres gémeas. " (...) Até aquele dia 11 de Setembro, a mídia tratava duas possibilidades: a desaceleração – redução na velocidade da máquina – ou a recessão - a locomotiva passava a deslocar-se de marcha ré. Acontece que o ataque às torres gémeas de Nova York apressou a definição do cenário. Nos dias subsequentes, os consumidores trocaram as compras pela permanência em casa, acompanhando de perto os desdobramentos dos ataques terroristas. A possível diminuição do consumo era a peça que faltava para que a conjuntura económica tomasse o impulso rumo à esperada definição do comportamento da economia dos Estados Unidos. Se o consumidor não aparece, há contracção nos investimentos e cai o ritmo da actividade económica.

(...) O editorial do Japan Times, em sua edição do dia 17 de Outubro (de 2001), analisou o impacto da guerra sobre a economia. O texto afirma que a escuridão, o desânimo, e não a sina ou o destino, são as palavras mais indicadas para descrever a situação económica mundial. De concreto, fica a convicção do depoimento do (então) Presidente do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos (FED), Alan Greenspan – o canal da CNNfn colocou-o no ar – que, ao depor perante a comissão do Congresso dos Estados Unidos, afirmou que tinha três preocupações no presente momento: o consumo não se manteria elevado, a economia mostrava sinais de maior fragilidade e o aquecido sector da construção civil começava a esfriar." (**António Carlos Fraquelli** em <http://www.sinpro-rs.org.br>).

"A maior vítima da crise económica de 2000-2001 foi a América Latina. Daí surgiram as insurreições que derrubaram os governos equatoriano (2000), argentino (2001) e boliviano (2003 e 2005). Foi esse mesmo desgaste dos planos

neoliberais que possibilitou as vitórias eleitorais dos governos de frente popular (como Lula, Tabaré Vasquez e Evo Morales) e nacionalistas burgueses como Chávez.” (Eduardo Almeida Neto em <http://www.pstu.org.br>).

Como a economia dos EUA escapou de uma crise mais profunda? Alan Greenspan apostou numa política agressiva de redução da taxa de juros com o objectivo de estimular a maior rubrica do PIB americano, o consumo⁷. Em 2003 a taxa de juros atingiu o seu nível mais baixo 1%, no qual permaneceu por muito tempo. Paralelamente, houve um gigantesco investimento armamentista associado ao plano militar de invasão ao Iraque. A conjugação destes factores possibilitou uma saída relativamente rápida da crise para os EUA porém, criou fortes desequilíbrios que viriam a se manifestar anos depois.

“ (...) A queda na taxa de juros favoreceu o crescimento do mercado imobiliário (vendas com hipotecas a juros baixíssimos). (...) Uma vez esgotado o potencial de venda de novas casas para consumidores com condições de pagamento, as financeiras estenderam para os que não podiam pagar. As pessoas eram convencidos a fazer um negócio, porque depois da compra, com o aumento do preço das casas (pela procura cada vez maior), refaziam a hipoteca com um preço mais alto e ganhavam dinheiro. Por outro lado, os bancos transformavam essas dívidas em títulos do mercado financeiro que se negociavam em todo o mundo.

Isso funciona como as “pirâmides” que as picaretas fazem em qualquer lugar, destas que se ampliam, as pessoas ganham dinheiro até que param de crescer. Todos os últimos a entrar na história perdem muito dinheiro. Quando não havia mais a quem vender, estourou a crise.

Primeiro, o governo norte-americano mudou a política dos juros para tentar evitar a inflação. Desde 2004 até 2006 veio

⁷ O consumo representa 70% do PIB americano, oito biliões de dólares por ano segundo o HSBC.

aumentando de novo a taxa de juros, que chegou a 5,25%. Os primeiros a sofrer o impacto foram os que compraram as casas, que se descobriram devedores de valores que não podiam pagar. Dois milhões de proprietários já estão em atraso nos financiamentos lastreados nas hipotecas. Existe já nesse momento uma recessão no mercado imobiliário dos EUA, com uma queda na construção de casas novas de 4.5%. (Eduardo Almeida Neto em <http://www.pstu.org.br>).

A crise no mercado imobiliário começou por refrear a economia americana (3º e 4º trimestres de 2007) facto que obrigou o FMI a revisar as projecções de crescimento das principais economias do mundo. Muito rapidamente, a crise transmitiu-se ao sistema bancário visto que estes, perante a situação de falta de liquidez, deixaram de realizar empréstimos entre si. A falta de liquidez começou a ser também sentida na Europa e na Ásia. No 4º trimestre de 2007 as bolsas reagiram às péssimas expectativas do mercado imobiliário, do mercado monetário e à tendência de contracção do consumo. A nível global as perdas das bolsas foram assustadoras⁸. Já a nível do sistema financeiro as perdas foram avaliadas em 400 mil milhões de Dólares pelo FMI⁹.

Do lado Este do Atlântico, Jean Claude Trichet, presidente do Banco Central Europeu (BCE), optou pelo aumento da liquidez monetária através da injeção de moeda na economia. Como medida suplementar, baixou a taxa EURIBOR (taxa inter-bancária frequentemente usada como indexante nos empréstimos). O objectivo é: auxiliar os bancos na recuperação da liquidez e estimular a procura e manter a taxa de juros de referência no nível actual 4%. A justificação de Trichet a manutenção da taxa de juros de referência prende-se com o facto de recear uma maior inflação, dado que esta já se

⁸ Segundo a Russel Investments, as acções cotadas na América têm um peso de 44% no valor das acções mundiais.

⁹ Note-se no entanto que o valor exacto das perdas ainda é indeterminado porque os maiores bancos do mundo estão a esconder esta informação para evitar um possível pânico financeiro.

encontra muito além dos 2% desejados (nos 3,2%, a mais alta dos últimos 14 anos)¹⁰.

Do lado Oeste do Atlântico o governo americano ataca a crise de forma mais agressiva. É aprovado um acréscimo ao orçamento para o último ano de Jorge Bush. Do lado monetário, Ben Bernanke (presidente do FED) diminui de forma abrupta a taxa de juro na manhã de 22 de Janeiro, antes da abertura das bolsas, em 75 pontos base, num dia em que esperava o caos total.

As políticas americanas tiveram a parceria do Banco Central da Inglaterra que também diminuiu a taxa de juros em 25 pontos base de 5,5% para 5,25%. Porém, muitos especialistas perspectivam que o BCE baixará a taxa de juros ainda antes de Junho em pelo menos 25 pontos base.

No âmbito micro, os bancos tiveram que proceder ao aumento dos seus capitais recorrendo a CAPITAIS SOBERANOS¹¹ e a realização de activos. É neste contexto que surge a Sonangol a investir agressivamente nos bancos portugueses. O Reno Unido Nacionalizou na segunda metade de Fevereiro o Northern Rock a fim de assegurar o crédito dos clientes e evitar um *Bank Run*, declarou Gordon Brown, primeiro-ministro britânico.

Os países europeus, para assegurarem as suas taxas de crescimento, estão a implementar acções no sentido de penetrar em novos mercados para compensar a menor procura dos EUA. Portugal está a levar a cabo uma extensa campanha no sentido de tornar Angola no primeiro destino das suas exportações em 2008. A promoção do mercado angolano é bem visível nos jornais deste país que não poderá contar com o mercado espanhol visto o país de Zappatero estar a atravessar

¹⁰ Note que, contrariamente ao FED que também visa objectivos de velar pelo desempenho económico, o BCE tem como principal missão a estabilidade dos preços.

¹¹ Capitais provenientes de empresas públicas ou governos com níveis elevados de excedentes financeiros. Na sua maior estes são países produtores de petróleo.

uma das maiores crises de desemprego da Europa (cerca de 10% de desemprego).

O debate foi instalado. A crise tornou-se um consenso. No entanto, a sua dimensão (trata-se de uma recessão ou uma depressão?) ainda divide as opiniões em todo o mundo. Uma segunda dúvida consiste em saber se os países emergentes terão a capacidade de aliviar a crise. Entretanto, ainda que a consigam aliviar, o ano de 2008 já está catalogado como ano de desaceleração económica global.

Conseguirão os países emergentes aliviar a actual crise económica? Em torno desta questão desenvolve-se a interessante Teoria do **DECOUPLING**. Na base desta teoria está a ideia segundo a qual "(...) há hoje uma maior "descorrelação" entre a economia norte-americana e as restantes das economias mundiais. (...) Os fãs da teoria do decoupling acreditam que o crescimento económico mundial pode continuar o seu caminho apoiado num novo carril – o das economias emergentes" (**Alexandra Brito e Maria Silva** em *Semanário Económico*, Fev. 2008, nº 1200).

A favor desta teoria está o facto dos países como a Rússia, a China, a Índia, o Brasil e o Singapura, terem sofrido menos que as bolsas europeias e continuarem a crescer a taxas significantes. O mercado financeiro Russo foi o menos atingido pelo que tem servido de refúgio para os investidores. Ouro, uma das mais tradicionais formas de reserva de valor, viu a sua procura aumentar nos últimos meses.

A desfavor da teoria do *decoupling* está o facto de as taxas de crescimento dos países emergentes terem sido revisadas em baixa pelo FMI no passado Janeiro. Segundo esta instituição, em média as economias emergentes deverão crescer em 2008 a uma taxa de 6,9% não em 7,1% previstos em Outubro de 2007. O crescimento mundial foi corrigido de 4,4% para 4,1%. O crescimento nos EUA foi corrigido de 1,9% para 1,5%. Refira-se ainda que em Outubro de 2007 as previsões de

crescimento para a África subsariana em 2008 foram de 6,9%, pouco acima dos 6,2% verificados em 2007. Nesta região de África, os países produtores de petróleo deverão crescer 10,6%, significativamente acima dos 7,6% verificados em 2007 (www.imf.org).

O seguinte quadro sintetiza o comportamento das economias da África subsariana em termos de PIB por pessoa.

Table SA4. Real Per Capita GDP
(U.S. dollars, at 2000 prices, using 2000 exchange rates)

	1997–2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Oil-exporting countries	451	482	504	531	552	578	625
Excluding Nigeria	748	789	840	893	937	1,018	1,136
Angola	700	766	828	970	1,117	1,336	1,651
Cameroon	649	673	679	674	680	687	703
Chad	197	224	293	308	302	299	304
Congo, Rep. of	1,109	1,114	1,120	1,173	1,210	1,219	1,271
Equatorial Guinea	1,497	2,506	3,208	3,328	3,066	3,281	3,446
Gabon	4,475	4,097	4,040	4,061	4,009	4,100	4,170
Nigeria	355	382	394	412	424	432	455
Middle-income countries	2,825	3,027	3,143	3,266	3,382	3,506	3,619
Excluding South Africa	2,039	2,251	2,339	2,395	2,456	2,547	2,644
Botswana	3,787	4,582	4,876	5,080	5,246	5,552	5,895
Cape Verde	1,195	1,375	1,409	1,463	1,529	1,604	1,692
Lesotho	385	381	390	394	415	427	441
Mauritius	3,584	3,978	4,130	4,220	4,333	4,501	4,675
Namibia	1,805	1,944	2,048	2,110	2,190	2,276	2,362
Seychelles	7,669	7,118	6,854	6,931	7,164	7,598	8,078
South Africa	2,971	3,174	3,295	3,431	3,557	3,688	3,804
Swaziland	1,377	1,383	1,382	1,387	1,391	1,384	1,379
Low-income countries	243	255	263	273	283	294	307
Benin	374	394	394	394	397	401	409
Burkina Faso	231	254	257	269	278	288	299
Ethiopia	125	120	132	142	150	162	173
Ghana	269	287	296	305	316	328	342
Kenya	413	413	424	440	459	480	502
Madagascar	231	223	228	232	237	245	256
Malawi	151	144	148	148	157	162	167
Mali	252	281	281	292	300	308	316
Mozambique	214	261	276	286	304	318	332
Niger	174	176	169	176	180	184	188
Rwanda	233	241	247	258	268	274	281
Senegal	446	474	490	504	502	516	532
Tanzania	271	304	318	332	346	364	383
Uganda	239	257	263	270	275	282	290
Zambia	315	334	343	353	365	378	392
Fragile countries	232	216	218	219	219	221	227
Including Zimbabwe	284	252	250	248	245	243	...
Burundi	111	104	107	105	109	110	114
Central African Republic	263	225	223	223	227	232	237
Comoros	374	380	371	379	378	372	375
Congo, Dem. Rep. of	92	85	88	91	93	96	101
Côte d'Ivoire	639	574	575	575	571	572	585
Eritrea	175	165	164	168	167	166	164
Gambia, The	235	243	254	260	270	282	291
Guinea	388	388	389	389	386	381	388
Guinea-Bissau	165	134	133	133	132	132	131
Liberia	...	118	119	122	126	132	138
São Tomé and Príncipe	542	631	646	665	698	725	753
Sierra Leone	151	202	212	221	232	243	253
Togo	245	228	227	224	223	224	226
Zimbabwe	720	677	556	527	502	471	...
Sub-Saharan Africa	526	545	562	581	598	618	644
Including Zimbabwe	530	546	562	580	597	615	...
Excluding Nigeria and South Africa	323	335	347	360	371	388	411
Oil-importing countries	555	570	585	601	617	634	651
Excluding South Africa	279	286	294	302	310	320	331
CFA franc zone	486	473	486	493	494	502	516
WAEMU	361	357	358	363	365	371	380
CEMAC	709	735	775	787	783	797	820
EAC-5	292	307	316	327	339	353	368
SADC	899	942	972	1,007	1,044	1,086	1,133
SACU	2,814	3,013	3,130	3,254	3,371	3,494	3,608
COMESA	257	261	272	287	303	325	353
Resource-intensive countries	487	513	533	556	574	597	638
Oil	451	482	504	531	552	578	625
Non-oil	626	637	651	658	664	675	694
Non-resource-intensive countries	548	563	578	595	612	629	646
Coastal	966	1,007	1,037	1,068	1,101	1,135	1,166
Landlocked	162	164	169	176	182	189	196
MDRI	245	261	269	277	286	296	308
Fixed exchange rate regime	549	564	580	589	591	602	618
Floating exchange rate regime	521	541	558	580	600	621	649

Sources: IMF, African Department database, October 1, 2007; and World Economic Outlook (WEO) database, October 1, 2007.

Um segundo ponto fraco da teoria do *decoupling* é o facto de em termos líquidos as economias emergentes serem economias exportadoras enquanto sendo que o maior destino destas exportações ser os EUA¹².

Depois de uma breve caracterização da crise económica mundial voltemos agora a nossa questão inicial: por que canais Angola será atingida pela referida crise?

Angola é um dos países que mais cresce a nível do planeta. É um dos países responsável pelas altas taxas de crescimentos que a África subsariana vem apresentando nos últimos anos. As causas deste crescimento expressivo podem ser resumidas em três grupos:

1. DIVIDENDOS DA PAZ: as mudanças nas expectativas dos investidores, a mudança nas expectativas dos consumidores, o aumento na produtividade dos trabalhadores, o restabelecimento das trocas comerciais inter-provinciais, etc;
2. CRESCIMENTO EXPRESSIVO DAS RECEITAS PETROLÍFERAS;
e
3. ALTOS NÍVEIS DE INFLUXOS DE CAPITAL: investimento directo estrangeiro e dívida externa.

¹² Ao contrário da China, os EUA são uma economia fortemente importadora. O défice deste país é suportado pela exportação de divisas em resultado da utilização do dólar em todas as economias. A medida que o Euro e o Yene forem substituindo o Dólar como moeda de referência, a capacidade dos EUA de financiar os seus défices da Balança de Pagamentos estará mais comprometida.

Dentre estes grupos de factores a segunda, receitas petrolíferas, tem um maior poder explicativo do crescimento de Angola. Por sua vez, o aumento expressivo das receitas petrolíferas é explicado pelo crescimento da produção¹³ e pelo aumento do preço do petróleo nos mercados mundiais. De entre as teorias que visam explicar a subida do preço do petróleo, a que mais reúne consenso é o emergir de uma classe média altamente consumidora nos países emergentes. Um factor residual que explica o aumento das receitas petrolíferas é a melhoria significativa no controlo e na gestão destes recursos em comparação aos anos anteriores a 2002.

O primeiro canal através do qual Angola será atingida pela crise económica mundial é o **preço do petróleo**. Sendo certo que a procura deste *commoditie* irá contrair-se em resultado de uma menor actividade económica nas grandes economias, deduz-se que o seu preço irá inevitavelmente sofrer uma redução. Como consequência as economias exportadoras de petróleo verão as suas receitas diminuírem significativamente.

Segundo o comentário de um analista da Edwards & Sons à Bloomberg¹⁴, "*os preços do petróleo poderão descer mais um pouco nos primeiro e segundo trimestres (deste ano), à medida que a economia for desacelerando e os inventários de crude aumentando*". Notemos ainda que os EUA e a Europa consomem 36% do petróleo mundial.

No caso particular de Angola, o PIB petrolífero correspondeu a 57,12% do PIB total em 2006 (www.minfin.gv.ao) e as exportações de petróleo representaram 75% das exportações totais.

¹³ O "*boom!*" na produção é tão significativa que, enquanto foi necessário meio século para atingir a marca de 1 000 000 barris por dia (b/d) para dobrar a produção, de 1 000 000 b/d para 2 000 000 b/d, serão apenas necessários 4 anos, de 2004 para 2008.

¹⁴ www.bloomberg.com

O quadro a seguir mostra que entre os países da África subsariana exportadores de petróleo Angola é o que mais depende do petróleo.

Table A1. Categorization of Sub-Saharan African Countries

Oil-Exporting Countries	Middle-Income Countries	Low-Income Countries	Fragile Countries
Angola	Botswana	Benin	Burundi
Cameroon	Cape Verde	Burkina Faso	Central African Rep.
Chad	Lesotho	Ethiopia	Comoros
Congo, Republic of	Mauritius	Ghana	Congo, Dem. Rep. of
Equatorial Guinea	Namibia	Kenya	Côte d'Ivoire
Gabon	Seychelles	Madagascar	Eritrea
Nigeria	South Africa	Malawi	Gambia, The
	Swaziland	Mali	Guinea
		Mozambique	Guinea-Bissau
		Niger	Liberia
		Rwanda	São Tomé and Príncipe
		Senegal	Sierra Leone
		Tanzania	Togo
		Uganda	Zimbabwe
		Zambia	

Table A2. Non-Oil Primary Fiscal Deficits, 2002–07

(Percent of non-oil GDP)

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Angola	83.3	69.9	61.1	60.9	50.3	52.6
Cameroon	0.5	0.5	2.7	0.0	-30.3	1.6
Chad	5.3	6.7	8.9	8.8	17.5	24.0
Republic of Congo	39.7	28.2	28.6	30.9	53.1	47.7
Equatorial Guinea	41.2	47.5	81.7	83.2	92.2	75.0
Gabon	16.7	8.9	9.1	17.5	18.0	11.6
Nigeria	21.1	34.6	36.4	42.8	45.5	41.8
Average (unweighted)	29.7	28.0	32.6	34.9	35.2	36.3

Source: IMF African Department database.

Note: (-) denotes surplus.

Os dados precedentes deixam claro que o impacto de uma crise mundial na economia de Angola é significativo e não deve ser ignorado.

Refira-se também que a partir deste ano as vendas de Angola no mercado mundial estarão sujeitas a quotas determinadas pela OPEP.

O segundo canal através do qual Angola será atingida pela crise económica mundial é a **taxa de câmbio**. Dedicemos algumas linhas a compreensão deste canal.

Um dos maiores feitos da equipa económica de Angola é a estabilização dos preços através de uma intervenção permanente no mercado primário de câmbio. A política usada recebe o nome de **esterilização "ex-ante"** e tem como principal ferramenta a compra e venda de qualquer divisas (dólares) a preços anunciados. A suportarem esta política estão grandes quantidades de dólares que o governo obtém, principalmente, com a venda do petróleo.

Através desta política a equipa económica do governo tem controlado a taxa de câmbio fixando-a em torno dos 80 Kz/Usd há cerca de 3 anos. Na lista dos efeitos positivos da fixação da taxa de câmbio está o facto de, através dela, se conseguir estabilizar os preços. As evidências empíricas apontam no sentido de ter existido uma forte correlação entre as variações cambiais e as variações nos preços antes de 2002. O controlo dos preços é também conseguido pela política monetária seguida através da "esterilização *ex-ante*" e das operações de mercado aberto realizadas pelo Banco Nacional de Angola. Por outro lado, um kwanza valorizado é sinónimo de importações mais baratas.

Na lista dos efeitos negativos destaca-se o facto da sobrevalorização do kwanza diminuir a competitividade dos

produtos internos. Efeitos perversos no desenvolvimento industrial interno e no processo de diversificação da economia são várias vezes acusados pela Associação Industrial de Angola (AIA). O segundo aspecto negativo desta política tem a ver com os altos custos que implica aos cofres do Estado. Assim, qualquer referência aos benefícios da estabilização dos preços deve ter em consideração os custos por detrás da mesma.

Quando esta política começou a ser aplicada, em 2002-2003, vários economistas conceituados de Angola chamaram a atenção ao carácter insustentável da mesma. No entanto, os anos passaram e a ela sobreviveu.

Como a crise económica mundial de 2008, fica comprometida a principal base de sustento da política de estabilização macroeconómica, nomeadamente, as reservas em divisas provenientes da actividade petrolífera.

Segundo o Relatório de Fundamentação do OGE para 2008, prevê-se que neste ano se exportem 710,6 milhões de barris que, a serem vendidos a um preço médio de 55,00 dólares por barril¹⁵, resultará numa receita igual a 39,083 mil milhões de dólares. Em 2007 as receitas provenientes da exportação de petróleo foram de 40,416 mil milhões de dólares resultantes de uma quantidade de 626,6 milhões de barris vendidos a um preço médio de 64,5 dólares por barril.

Uma significativa redução nas reservas em dólares obrigará o governo a diminuir (senão desistir) a intervenção no mercado cambial. A acontecer, a taxa de câmbio se irá alterar em direcção a taxa de mercado que é de facto caracterizado por um kwanza muito desvalorizado.

¹⁵ A persistência do governo em usar preços tão reservistas, mesmo considerando as características das ramas angolanas em relação ao *Brent*, reforça os argumentos de falta de clareza na gestão dos recursos públicos.

As consequências imediatas serão um significativo encarecimento dos bens e serviços que resultará numa maior inflação. O *spread* entre a taxa oficial e a paralela aumentará bem como o intervalo de variação. Em resultado teríamos uma maior instabilidade económica.

O risco de inflação é reforçado pelo facto de 2008 ser **um** ano de eleições no qual se prevê significativos aumentos nos gastos públicos e no consumo privado. Este aumento na procura constituirá uma grande pressão sobre os preços.

O terceiro canal a considerar é o da **inflação importada**. Vejamos: os EUA e a Europa estão a enfrentar níveis altos de inflação como resultado do encarecimento das principais matérias-primas. Para impulsionar a actividade económica, estas economias terão que baixar as taxas de juro significativamente que por sua vez resultará numa maior inflação. Sendo Angola um país fortemente importador, apesar do *superávit* da Balança de Pagamentos, é fácil concluir que as altas inflacionárias se vão repercutir neste país, facto que requerer uma intervenção mais agressiva nos mercados monetário e cambial.

O encarecimento das importações vai também resultar da depreciação do USD face ao EUR e ao YENE.

Dados os volumes de importação de bens e serviços da Europa (destacando as importações da indústria petrolífera, de serviços financeiros e de turismo) e da Ásia¹⁶, considerando ainda que a nossa economia está "indexada" ao dólar, mostra-se evidente que uma crescente desvalorização do dólar perante o EUR e o YENE resulta num encarecimento das importações de Angola.

¹⁶ Algumas das mais importantes importações de Angola da Ásia, em particular, da Singapura, são os FPSO's (navios de exploração, armazenamento e transporte de combustível) usados nos novos desenvolvimentos da indústria petrolífera. Para um conhecimento detalhado dos novos desenvolvimentos nesta indústria ver o capítulo de José Oliveira no Relatório sobre Energia em Angola da Universidade Católica de Angola de 2007

Ao terminar a referência aos canais de transmissão da crise importa referir que esta exposição ao risco teria sido significativamente menor se o governo tivesse sido capaz de traduzir os dividendos do petróleo em outras competências para o país. Os apelos no sentido “*colocar os ovos em cestas diferentes*” e aumento do mercado interno através do aumento do poder de compra das populações não foram ouvidos (pelo menos não foram conseguidos). Hoje o país está indubitavelmente na rota da instabilidade. Teremos que ser capazes de desviar a rota do avião.

Dadas as evidências da crise, importa medi-la.

Para a medição da crise que se avizinha não deverão ser usados indicadores agregados como por exemplo, o PIB por pessoa. A utilização deste indicador só servirá para esconder as reais dimensões da mesma. De maior utilidade serão os indicadores de assimetrias de nível microeconómicos (embora ainda raros nos actuais estudos).

Para uma análise de maior alcance mostra-se necessário **construir** e acompanhar o comportamento de indicadores de qualidade de vida, indicadores de termos de troca, indicadores de concentração de riqueza e poder de compra, indicadores mais abrangentes dos níveis de preços¹⁷ e indicadores de confiança económica dos consumidores e dos produtores.

Para uma melhor gestão macroeconómica de longo prazo é ainda necessário que se construa/adapte/aplique, para além dos já referidos, indicadores de sustentabilidade económica, indicadores da estrutura fiscal e do peso do Estado na economia, indicadores de produtividade, indicadores de diversificação económica, indicadores de diversificação de destinos das exportações, indicadores de níveis de educação e

¹⁷ As restrições espaciais do IPC mostram-se cada vez mais injustificáveis.

saúde, indicadores de qualidade de ambiente e do impacto económico das calamidades naturais, indicadores do impacto económico da malária e do AIDS, indicadores das assimetrias demográficas, da estrutura etária e suas tendências, indicadores energéticos e industriais, etc.

Em conclusão, *"(...) há que ficarmos mais atentos. De modo algum devemos pensar que o que se passa lá fora não terá implicações sobre nós. Será uma perigosa ilusão."* (prof. **Justino Pinto de Andrade** em A Capita, Fev. 2008, nº 289).

3- Mudanças na ordem política internacional e nacional

Embora a nossa perspectiva de análise da "trajectória da instabilidade" seja a económica, pretendo fazer referência a algumas mudanças políticas relevantes que se vão verificar no plano político internacional e nacional.

No plano político internacional destaca-se a mudança de carácter da política externa norte americana previstas depois das eleições de Novembro. Estas serão de maior ou menor dimensão, em função de ser um presidente republicano ou democrata a vencer as eleições. O desejo de mudança neste país reflecte-se até na forma como a sociedade ignora a existência do presidente ao longo das primárias.

Se, tal como se prevê, os democratas vencerem as eleições, verificar-se-á uma mudança significativa nas relações América do Norte-Médio Oriente, América do Norte – América do Sul e América do Norte-África. Se por um lado, a necessidade de melhorar a imagem externa poderá levar a que este país passe

a prestar maior atenção ao continente africano¹⁸, por outro, nos próximos 4 anos, a América estará muito virada para os problemas internos a fim de reparar os danos económicos e sociais causados nos 8 anos da administração Bush.

Na Rússia realizar-se-á eleições presidenciais porém, não se prevê grandes mudanças ao nível político dado que as previsões apontam para uma substituição do tipo “ela” por “ela”, além de que a futura constituição reservar para o novo cargo de Vlademir Putin excesso poder de decisão. A considerar o crescente poder económico e financeiro da Rússia (e talvez mesmo o poder militar) pode-se adivinhar um maior peso nas grandes decisões mundiais.

Na América latina, Hugo Chaves continuará a perder destaque tanto internamente, em continuidade do “não” ao referendo da mudança da constituição¹⁹, como externamente visto que a sua fonte de protagonismo, “*Bush, el diablo (Discurso de Hugo Chaves na 61ª Assembleia Geral da ONU, 2006)*”, estar de saída da *Casa Blanca*. Do outro lado, Lula da Silva deverá começar a despedir-se da presidência a partir de 2009 levando porém, o mérito de ter colocado o Brasil no grupo dos países emergentes e de ter diminuído significativamente o desemprego.

Na Europa haverá eleições na Itália (com uma vitória relativamente previsíveis de Silvio Berlusconi) e na Espanha (onde Zapatero enfrenta o argumento de uma Espanha mais desempregada). Por outro lado, se verificará um crescente destaque do presidente de França, Sarkozy a julgar pelas suas qualidades pessoais.²⁰

¹⁸ Refira-se que a postura dos democratas perante o mundo vai depender da dimensão de baixas que o EUA poderá em resultado duma eventual retirada dos soldados americanos do Iraque. Nos seus discursos de campanha Hillary Clinton já prometeu retirar os soldados e Obama já emitiu intenção de debater com o candidato republicano o assunto.

¹⁹ Podemos juntar a este o facto de o mundo ter aplaudido o emblemático “*porque no te callas Chaves?!*” proferido pelo Rei de Espanha.

²⁰ Os franceses têm-se mostrado insatisfeitos com a relevância que o presidente dá às questões do seu romance com a ex-modelo Carla Bruni. Sarkozy, já é por muitos tratado como *the show-*

Refira-se ainda que a Europa ficará bastante fechada em si tentando resolver os problemas do crescimento económico e os problemas da União. Mas a busca de mercados alternativos para expansão, estará na agenda dos governos europeus.

Para África, a Cimeira de Lisboa deixa duas ideias:

1. É possível uma organização em África;
2. Os interesses (ou as percepções) ainda não são muito divergentes²¹.

Esta segunda ideia deduz-se do facto de alguns dos países mais ricos da África subsariana terem reprovado os Acordos de Parceria Económica (APE) apelando mesmo às mães e aos jovens de África a se unirem numa voz única contra os mesmos. África do Sul, Nigéria e Senegal alegaram que os termos dos acordos de comércio agravariam o desempenho dos países africanos.

Acima de tudo, esta cimeira marcou a consagração de uma nova África aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo: uma África negociadora.

A Ásia, com o declínio do poderio económico dos EUA, poderá ter maior poder nas decisões políticas internacionais. Neste

man.

²¹ Em resultado das profundas diferenças económico/social existentes entre os países africanos e por estes manterem poucas relações económicas entre si. Apesar da proximidade geográfica os países africanos mantêm poucas relações económicas em resultado do facto de serem quase todos exportadores de produtos primários e estarem desprovidos de indústrias competitivas.

caso Angola sairia a ganhar visto ser um grande parceiro económico da China²².

Da parte das instituições internacionais, verificam-se vários movimentos no sentido de reestrutura-las. As instituições de **Breton Wood** a fim de estarem de acordo com dos novos paradigmas das relações internacionais e com as novas exigências do terceiro mundo, principalmente no que consiste a questão da **eficiência da ajuda**, estão a levar a cabo profundas reestruturações. Ainda relativamente as instituições, o mundo mostra-se cada vez mais necessidades de instituições que tratem de questões novas tais como a preservação do ambiente e as alterações climáticas e que tenham a importância do FMI, por exemplo.

A nível interno, as eleições legislativas de Setembro serão **o ponto de inflexão** que poderá levar o país para onde os angolanos quiserem.

Na perspectiva económica as eleições de Setembro são de particular interesse porque constituirão uma oportunidade para vários de estudos. Por exemplo, interessava analisar o comportamento dos diferentes agentes económicos nos meses que antecedem as eleições. Como o governo central, os governos locais (em especial os municipais), a comissão nacional eleitoral, os diversos partidos políticos, as ONG's, as empresas e as famílias irão estruturar e realizar as suas despesas. Como alguns governos municipais vão usar os 5 milhões de dólares que terão disponíveis para gastar em um ano. Particularmente importava analisar o papel das **expectativas** na realização destas despesas para cada tipo de agente económico?

Na perspectiva social, será interessante acompanhar a forma como a sociedade civil vai participar nas eleições, em particular,

²² Angola foi a maior fonte de importação de petróleo para a China em 2006 enquanto foi a sétima para os EUA no mesmo ano.

assistir ao surgimento de iniciativas privadas de educação dos eleitores e a sociedade em geral, no esclarecimento da sociedade do carácter temporário e periódico dos futuros governos, etc.. Será também interessante ver os angolanos da diáspora a participarem nas eleições de outras formas que não o voto²³, por exemplo, a preparação cívica dos eleitores, fazendo uso da experiência que têm da vivência em países fortemente democráticos, numa autêntica demonstração de superação de limitações. Será interessante ver os jovens angolanos de todo o mundo usarem as poderosas ferramentas da internet na **construção do sonho angolano**.

Será também interessante acompanhar o comportamento da imprensa na cobertura das eleições, em particular, das novas formas de imprensa, as páginas Web chamadas *bloggs*, em particular o angonotícia e o club-k. Seria interessante assistir a uma maior participação nestes fóruns de debate de internautas com "grande capacidade analítica" (em continuidade da actual tendência) tal como os diversos estudantes angolanos espalhados por este mundo afora.

4- **Como desviar o avião da rota da instabilidade?**

Angola realizou grandes feitos deste a sua constituição. Dentre estes realçam-se a independência, a conquista da paz e a efectivação da reconciliação nacional. A estabilidade económica surge num segundo plano entre os grandes feitos da nação angolana. Assim sendo, importa que se desvie o "avião da economia" da rota da instabilidade para uma mais estável e mais sustentável.

Seja quais venham a ser as opções dos pilotos do avião a operação de manobra terá que por uma profunda avaliação da situação. Durante este processo de avaliação deve-se levar a cabo estudos capazes de determinar a extensão da exposição de Angola face a crise mundial que se aproxima e capazes de

²³ De que estão impedidos de exercer por alegadas falta de condições técnicas

determinar as melhores opções no novo quadro político e económico mundial que se desenha. Estes estudos devem lançar as bases para um projecto de desenvolvimento de longo prazo.

Os respectivos resultados devem ser discutidos a nível das universidades, dos ministérios e de outros organismos públicos ou civis. Os economistas conceituados do país deverão ter uma participação activa neste processo. Os académicos deverão aproveitar este momento raro da história económica para enriquecer as suas bibliotecas de “*case studies*”.

Um outro passo que merece consenso consiste na antecipação da revisão do OGE para 2008 visto que este assenta em pressupostos relativos ao comportamento da economia mundial ultrapassados deste Outubro de 2007 com o lançamento do *World Economic and Financial Surveys 2007*.

O OGE para 2008 baseia-se nos seguintes pressupostos da economia mundial²⁴:

1. A continuidade do ciclo de crescimento da economia mundial, com uma taxa de crescimento real estimada em cerca de 5,2 por cento, em 2008, não obstante a alta do preço de petróleo bruto e a crise no mercado imobiliário dos E.U.A. que ameaçou propagar-se pela economia Mundial;
2. Nível de inflação mundial controlada, prevendo-se um nível anual de 2,1 por cento, nas economias avançadas, e 5,0 por cento, nas economias emergentes e em desenvolvimento;
3. Aumento dos preços de petróleo bruto no mercado internacional, em razão da limitada capacidade de produção face à demanda global que se mantém forte;
4. Forte crescimento do comércio mundial ao nível de cerca de 7,4 por cento;
5. Tendência para aumento ligeiro das taxas de juro para o Euro e o Yen, com as taxas de juro de curto prazo a atingirem, respectivamente, os níveis de 3,7 e 1,2 por cento;

²⁴ www.minfin.gv.ao

Como já ficou claro, todos estes pressupostos relativos ao comportamento da economia mundial são hoje (Fevereiro de 2008) inconcebíveis e alguns mesmo, tal como o aumento da taxa de juros do euro, absurdos.

Acrescente-se que, até ao momento das eleições, será determinante a boa gestão das expectativas porque poderão ser determinantes na racionalidade ou irracionalidade na hora do gasto dos milhões e milhões de dólares que os diferentes agentes do processo terão disponíveis.

Estas são três acções que permitirão diminuir a intensidade da tempestade. No entanto, para colocar o avião numa rota de longo prazo sustentável (com menos riscos de queda), são necessárias mudanças estruturais mais profundas. Dentre estas destacam-se as seguintes:

- a. Aceleração do processo de **diversificação da economia**. Deve-se aproveitar o facto das importações vindas da Europa e da Ásia estarem a tornar-se caras para impulsionar a produção interna. Os programas de reactivação dos parques industriais da Viana, da *Catumbela* e de Cabinda devem ser acelerados. A expansão do projecto Adeia-Nova também deve ser acelerada.

O processo de diversificação da economia deve dar prioridade os sectores trabalho intensivo para acelerar o combate ao desemprego²⁵. Como

²⁵ A taxa de desemprego se mantém acima dos 30%, principalmente em resultado das características tecnológicas da indústria petrolífera, capital intensivo. A agravar a elevadíssima taxa de desemprego de Angola, está a elevada proporção de trabalhadores que recebe o salário mínimo de 60 dólares mês,

resultado de um tal processo teremos uma economia menos exposta as crises económicas mundiais.

- b. O **modelo de crescimento** actualmente seguido no país apresenta um desequilíbrio na importância dada entre a acumulação de capital físico e a acumulação de capital humano.

O problema económico é que, a partir de certo nível de capital acumulado, os acréscimos de capital não terão o efeito desejado (potencial) enquanto o factor trabalho não crescer (em termos qualitativos) na proporção necessária.

Do lado da procura, deve-se ter em atenção a necessidade de uma classe média com grande poder de compra para suportar o florescimento da indústria interna. A criação desta classe média deverá resultar de uma melhor redistribuição dos rendimentos sustentada por um aumento expressivo no nível de literacia do angolano.

Estudos demográficos e económicos da população e do seu papel no processo de desenvolvimento económico devem ser levados a cabo pelas instituições do governo, pelas universidades e pelos centros de estudos em continuidade de estudos como o do prof. Manuel José Zenha Rela (ANGOLA, o futuro já começou, 2005).

Num discurso proferido neste ano pelo vice-ministro do Planeamento, Pedro Luís Fonseca, declarou-se que o ritmo de crescimento devem

ser acompanhadas por uma redução do crescimento demográfico para se poder reduzir a pobreza.

O aumento da população é um elemento crucial para o desenvolvimento sustentável de Angola. Não se deve confundir as causas da pobreza. O excesso populacional em Angola não é nem um facto muito menos a causas da pobreza. Esta está muito mais ligada a concentração de riqueza e má distribuição do rendimento além da muito baixa produtividade do trabalhador.

Angola é ainda um país desértico e não é mera coincidência o facto dos países emergentes terem todos uma populações acima dos 100 milhões de habitantes. A fórmula mágica destes países foi conseguir criar know-how no ceio de uma grande população que garantisse o factor trabalho e um vasto mercado interno.

O outro aspecto ligado a população são as gritantes **assimetrias regionais**. Do combate às assimetrias regionais estão dependentes a resolução de alguns problemas já apontados como de "impossível" solução como é o "caso Luanda".

A sua compreensão deve ter como base as teorias de imigração do campo para a cidade (dentre as quais o modelo de Lewis é um grande expoentes), as teorias da economia regional além de teorias demográficas, sociológicas e jurídicas pertinentes.

A economia industrial é outro campo teórico que terá um papel crucial no solucionamento das assimetrias. E, como defende o prof. José Álvaro da Rocha, a disseminação das universidades por regiões definidas em função de critérios funcionais (precavendo a perda de qualidade) será um factor determinante no estaque na imigração do campo para a cidade dos mais jovens.

Ou seja, um crescente desequilíbrio entre capital físico/tecnológico versus capital humano e o crescimento exponencial da cidade de Luanda condicionarão todas as políticas públicas, sectoriais e empresariais e poderão precipitar o país para a crise económica.

- c. O modelo de crescimento económico deve assentar num crescimento mais acelerado da **oferta de energia** com base num plano nacional para o sector eléctrico²⁶.

Do outro lado da Balança Energética, do lado do sector petrolífero, deve-se ser assumido um compromisso nacional no sentido de estabilizar a produção de petróleo nos 2 milhões de b/d, não mais do que isso, a fim de assegurar um maior rácio reservas/produção.

“A situação de hoje é o resultado de muitos anos de prevalência da economia do petróleo sobre o resto da economia: 94% das receitas de exportação, 70% das receitas fiscais do Estado, 57% de toda a actividade económica – no final dos anos 70 e durante os anos 80, esta

²⁶ Segundo um relatório da Agência Internacional sobre energia em Angola, apenas 20% da população angolana tem acesso a energia eléctrica.

*preponderância chegou aos 65% - e **menos de 1% de toda a força de trabalho empregada.***

(prof. Alves da Rocha em Relatório Energia em Angola - Ucan, 2007).

- d. Devem ser **combatidos os monopólios** em diversos sectores, em especial no sector da telefonia móvel, e a criação de entidades reguladoras dos sectores das utilidades (electricidade, água, gás e telecomunicações).
- e. Deve-se, efectivamente, abandonar os subsídios aos combustíveis porque, por um lado, levam a um uso irracional por parte dos consumidores (papel de racionalização dos preços) e desincentiva a oferta deste produto no interior do país por agentes privados (papel de reafecção dos preços) e, por outro lado, aumentam as assimetrias de rendimento visto que o *quantil* da população angolana que possui automóveis é o *quantil* mais "rico". A extensa população de Angola verdadeiramente pobre não possui automóveis e não tem sido beneficiada por este subsídio.
- f. É urgente que se encontre formas de combater ao **sub-emprego²⁷ no sector público e nas empresas públicas**. É um perigo para a saúde económica do país quando a frequência com que se encontra na Sonangol muitos trabalhadores, incluindo licenciados, com muito pouco trabalho para executar.

²⁷ Sub-emprego é o nome que se dá quando um sistema económico está a operar com mais mão-de-obra do que preciso de tal forma que a diminuição de uma unidade de trabalho não aumente o produto marginal do trabalho.

É claro que um processo de modernização do sector público será doloroso. Mas já existem receitas pouco dolorosas. Portugal e outros países europeus podem servir de “*case studies*” por estarem a passar por um processo idêntico.

O facto é que o Estado não deve continuar a usar ineficientemente fundos para pagar salário a trabalhadores que acrescentam valor zero no PIB.

- g. A **saúde e a educação** devem ser elevadas da escala de prioridades do Estado. Não basta que a percentagem sector social aumente no OGE. São necessárias programas articulados e sustentáveis que permitam elevar todos os indicadores do IDH.

Na perspectiva económica uma melhor saúde tem impacto directo na produtividade do trabalhador e nas decisões económicas de longo prazo. A medida que a esperança de vida a nascença aumenta, os agentes tendem a fazer investimentos financeiros e reais de maior duração e as instituições financeiras concedem mais facilmente empréstimos. Também existe uma maior acumulação de **inventário intelectual** na sociedade.

Uma melhoria no sistema educativo deve passar pela eliminação do fosso existente entre o ensino médio e o ensino superior em termos de qualidade a fim de alavancar o nível dos licenciados pelas nossas universidades.

É, no entanto, a realização de um estudo para avaliar o sucesso ou insucesso do actual programa de reforma educativa a fim de proceder os devidos ajustamentos.

É também urgente a banalização das tecnologias informáticas e o seguimento de um programa agressivo de ensino do inglês a partir do ensino secundário a terminar nas universidades para o aumento da competitividade internacional dos quadros angolanos.

- h. Relativamente às finanças públicas, além de ser necessária uma diversificação da estrutura fiscal do Estado, é necessária uma melhor prestação nos actos de negociação das **dívidas externas**.

Por exemplo, os termos do empréstimo chinês desactivam completamente o **mecanismo dos multiplicadores dos gastos públicos** explicados em modelos básicos da macroeconomia keinesiana.

Nos termos deste contrato, as empresas que são estimuladas são as chinesas pelo que o efeito multiplicador das despesas (que justifica a intervenção estatal na economia) dá-se na China e não em Angola. Os salários não pagos aos angolanos que poderiam usar para estimular as nossas empresas e o mercado financeiro interno.

Estes elementos devem ser considerados como **custo de oportunidade** em qualquer análise custo/benefício do empréstimo chinês.

- i. Se a **protecção do meio ambiente** não poder ainda constar nas prioridades de acções práticas, que se proteja pelo menos as populações dos efeitos nocivos da indústria petrolífera.

No município do Soyo, província do Zaire, os poços de petróleo da actividade em terra (*on-shore*) estão a escassos 5 metros das casas nas povoações do *Pángala*, Bairro Fina, e Bairro T.

Há três anos , uma fuga de gás nesta zona do Soyo causou vítimas mortais. Dias depois do incidente a TOTAL (operadora do bloco) desmentiu os factos. O Ministério do Ambiente abriu um inquérito que nunca produziu resultados.

No mesmo município, a fábrica de liquefacção de gás natural (ALNG) está sendo edificado a escassos 100 metros do bairro *Kikala-Kiako* situado entre a baixa da cidade e a base petrolífera do Kwanda.

A saúde neste município é péssima e as pessoas morrem até de simples dor de cabeça. No hospital municipal falta a simples paracetamol. Os cajueiros já não dão frutos, os coqueiros secaram. Já não se faz praia porque a única praia segura do município foi coberta pelo gasóleo.

Nunca foram levados a cabo estudos na região no sentido de determinar os níveis de poluição. Os únicos estudos próximos foram levados a cabo com o fim de viabilizar o projecto ALNG, o ESHIA²⁸.

²⁸ www.angolalng.com

- j. Os problemas sociais como a **criminalidade e a prostituição** devem ser atacados nas suas causas. Soluções adversas (e desumanas) no combate a um crime que tem origens em causas económicas/sociais bem identificadas levaram ao surgimento em Luanda de crimes brutais nunca antes vistos.

Angola voa na rota da instabilidade, mas é ainda possível desviar a trajectória, fugir da tempestade para estabilizar o vou numa trajectória de longo prazo onde voemos de forma sustentável, ainda que mais baixinho. Tudo depende da nossa boa vontade da dimensão do **SONHO ANGOLANO!**
